"A LUZ DA HISTÓRIA"*

O programa deste ciclo, ao sugerir um lugar privilegiado para a história no conjunto dos saberes, falando de "peneira sábia" e de "luz inteligente", mesmo de "prova definitiva", certamente que o faz de uma forma irónica.

Ao contrário, o que talvez importe sublinhar, como sugerem, por exemplo, autores que colaboram no livro "Other Histories" (ed. por K. Hastrup, Londres, Routledge, 1992), é a necessidade urgente de "fazer explodir o conceito ocidental de história através da experiência antropológica da cultura"; por outras palavras, e como os mesmos autores acentuam, questionar os nossos conceitos de "história" à luz de outras histórias, de outras formas de produzir história e de pensar acerca dela.

A história (no sentido de discurso sobre o acontecido) é uma arena de conflito, como estamos a cada momento a confirmar na actualidade (pelos recentes debates televisivos sobre o 25 de Abril, por exemplo). Na época moderna, a historicidade radical de que fala Giddens criou a ideia de um passado unitário à escala mundial, isto é, procurou apropiar-se do conjunto do tempo como base para a mesma hegemonização no que toca à totalidade do espaço, através da descontextualização, do esvaziamento do tempo e do espaço dos seus antigos valores locais. Esta historicidade radical articula-se com a tentativa de proceder a um gigantesco "holocausto cultural", o da destruição, ainda em curso, da multiplicidade das culturas, das sensibilidades, das vivências locais do tempo, subordinadas progressivamente a um tempo calendárico, mecânico, mensurável para efeitos económicos, etc.

Assim, é importante enfatizar a variabilidade de percepções do tempo e de formas de constituição da memória colectiva, fazer implodir o passado tal como nos quiseram ensiná-lo, através da voz dada aos mais diversos actores sociais sobre o seu passado, os *seus passados.* Os valores e significados atribuídos ao tempo são puramente contextuais, e obviamente já não valem as velhas dicotomias entre as sociedades tradicionais (do tempo cíclico) e as modernas (do tempo linear), pois, como B. Adam (1994) mostra bem, ciclicidade e linearidade são dois modos do tempo que coexistem em *todas* as sociedades e dependem da perspectiva do observador.

Fazendo entrar na história, nas *histórias,* todos os tempos, sensibilidades e vivências que aquela procurou menosprezar, será abrirmo-nos a uma enorme riqueza de experiências itinerantes. Como disse recentemente M. Serres ("Éclaircissements", Paris, Flammarion, 2ª ed., 1994,

---

* Resumo de intervenção feita na Fundação Calouste Gulbenkian – Acarte – em 23 de Abril de 1994, integrada no painel "A Prova" do ciclo "A Descoberta", organizado por Paulo Cunha e Silva (FCDEF-UP) (a quem se deve a sugestão do título da intervenção). Os outros participantes neste painel foram Maria Strecht (ICBAS, UP), Manuel M. Carrilho (FCSH-UNL) e Jorge Bento (FCDEF, UP).

p. 79), "a razão está estatisticamente distribuída por toda a parte: ninguém pode reivindicar a sua posse exclusiva." E adiante, ao falar da nossa imaginação do tempo: "Em lugar de condenarmos ou excluirmos, rejeitamos determinada coisa para a antiguidade ou para o arcaísmo; já não dizemos "falso", preferimos dizer: "ultrapassado" ou "obsoleto". Dantes, sonhava-se, agora pensamos; dantes cantava-se poesia, hoje, realizamos experiências eficazmente. A história é pois a projecção num tempo imaginário – imperialista, mesmo – desta exclusão muito real. O corte temporal equivale a uma exclusão dogmática."

O arqueólogo (profissão de quem escreve estas linhas) é o homem que transforma o "documento" em "monumento"; analisa o lugar, num primeiro momento, para o tentar entender na sua especificidade irredutível. Não se trata tanto de procurar aí elementos para "fazer história" (qual, senão aquela que sobretudo importa subverter?) mas, principalmente, perceber alguns sinais da história *desse sítio concreto* na imbricação de fenómenos "naturais" e de intenções humanas de que ele é o produto presente.

E, às vezes, como no quadro de Delvaux, do outro lado das lentes do cientista, a natureza, com toda a sua proliferação desnuda e selvagem, acorda, numa fulgência poética. E a vertigem dos múltiplos sentidos, da perda radical do sentido unívoco, atinge-o no seu cerne. Nestes momentos da mais radical desconstrução é quando uma lágrima magriteana se condensa na face erodida de Clio. A nostalgia desdobra-se sobre toda a paisagem como um grande lençol de Christo.

Vítor Oliveira Jorge